

449

MEMÓRIA E RELATIVISMO: O OLHAR ANTROPOLÓGICO NA CONSTITUIÇÃO DO ACERVO ETNOGRÁFICO. *Paulo Ricardo Muller, Maria Helena Sant Ana (orient.)* (Acervo, Pesquisa, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul).

Este trabalho procurará colaborar com a temática da ressemantização dos acervos etnográficos em função da necessidade de catalogação e classificação museológica que acompanha os museus em geral. Em um primeiro momento debaterá a diversidade de motivações que levam o antropólogo a campo, caracterizando a multiplicidade de orientações metodológicas da disciplina. Dessa multiplicidade o pesquisador retira os pressupostos que o ajudarão a orientar seu olhar no momento de selecionar e coletar dados (objetos, imagens, depoimentos) que serão o suporte de memória dessa orientação, constituindo o acervo etnográfico particular da pesquisa. Considerando que o museu etnográfico é um espaço legitimado de ressemantização do acervo, no sentido de caracterizá-lo não mais como um provedor apenas desta memória que o releva como dado científico, mas também como um suscitador de novas interpretações e compreensões por parte de um público diversificado, a classificação e etiquetagem do mesmo devem procurar categorias que reajustem constantemente a memória social a que o acervo remete às diversas possibilidades de reinterpretação de seu sentido no espaço de exposição do museu. Finalmente, serão debatidas algumas formas de entender as orientações destes olhares constituidores do campo de pesquisa a partir da análise do método relativista característico da antropologia. Esta análise será feita desde uma perspectiva que entende que o acervo etnográfico é, sobretudo, um provedor de interpretações das sociedades ou culturas que “representa”. Sendo assim, busca-se um paralelo entre a situação de campo e a exposição museográfica, pois somente a partir do contato com a cultura material e significativa do outro é possível ou não uma relativização da sociedade ou cultura de onde o observador atua.